

FEBRA



PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[69]





C aros colegas, escrevo esse texto de abertura para o Febrapsi Notícias no início do segundo semestre, pouco antes dos últimos eventos preparatórios para o Congresso de Gramado, que acontecerá no final de outubro (de 22 a 25) e que já conta com um número de inscritos que permite afirmar que o desejo de se encontrar, conversar e produzir conjuntamente vem se tornando cada vez maior na comunidade psicanalítica brasileira. Teremos um Congresso com um número expressivo de participantes e isso ficou evidente desde a abertura das inscrições, ainda no início desse ano.

Observo esse interesse crescente e contagiate a cada viagem para as federadas, no entusiasmo visível pelo trabalho que vem sendo realizado nas comissões e no volume de publicações sobre os mais variados temas, sendo que várias delas já estão agendadas para lançamento em Gramado. Ao longo do primeiro semestre, a diretoria participou de encontros em Campinas, Porto Alegre, São José do Rio Preto, Marília, Pelotas, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Curitiba e Rio de Janeiro. Em todos eles, percebemos uma efervescência criativa e um grande entusiasmo entre os colegas, psicólogos, psiquiatras e estudantes que se interessam por psicanálise, o que incluiu também profissionais de outras áreas, que se juntaram a nós por conta da temática do Congresso.

Em um dado momento, fui buscar informações sobre os nossos primeiros encontros, os Congressos inaugurais, quando a Febrapsi ainda se chamava ABP. Me surpreendi ao descobrir que o primeiro Congresso Brasileiro também aconteceu no Sul e que a temática dialogava diretamente com aquela que foi escolhida pelos nossos diretores científicos. Cinquenta e seis anos depois, a sexualidade humana segue sendo um assunto mobilizador para a comunidade psicanalítica.

Gostaria de destacar, ainda, nessa abertura dessa edição do Febrapsi Notícias, alguns fatos importantes e recentes: as excelentes notícias vindas do 54º Congresso Internacional da IPA, em Lisboa. Tivemos um grande número de colegas, trabalhos e projetos brasileiros premiados, uma participação marcante e expressiva. A lista de premiados é extensa e variada, evidenciando a produtividade e o lugar de destaque que a psicanálise brasileira ocupa atualmente no cenário internacional. Além dos prêmios, a nomeação de Claudio Eizirik como Vice-Presidente honorário da IPA e o reconhecimento oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Curitiba foram momentos especiais. Aproveito a oportunidade para parabenizar a todos e para comemorar.

Além das notícias sobre os Congressos, concluo lembrando a todos que teremos em breve a realização do primeiro RTP sediado no Brasil. O RTP – a Reunião de Treinamento em Pesquisa – ocorre há vários anos em outros países, congregando psicanalistas e pesquisadores de universidades e centros de pesquisas, proporcionando um ambiente de aprendizado e trabalho conjunto que contribui tanto para a produção científica quanto para a aproximação entre pesquisadores, professores e estudantes com a comunidade psicanalítica. Como se vê, teremos um semestre intenso com muitas oportunidades para trocas, conversas e bons reencontros.

Nos veremos em breve nos próximos preparatórios, em Recife, Fortaleza, Goiânia ou Campo Grande. E aguardaremos a todos, em outubro, na região das Hortências, na Serra Gaúcha. Até lá.

**Luiz Celso Toledo**

Presidente da Febrapsi,
membro da Sociedade
Brasileira de Psicanálise
de Ribeirão Preto (SBPRP)



P rezados (as) leitores (as), nesta edição do Febrapsi Notícias, exploramos um tema central da psicanálise: a sexualidade. Desde as descobertas de Freud até as elaborações contemporâneas, a sexualidade tem sido um foco constante de nossas investigações.

Ao organizar este número, fui provocada pela reflexão de Decio Gurfinkel em *Da pulsão à relação de objeto*: qual é a elasticidade da disciplina psicanalítica? Seriam várias psicanálises em uma? Essa indagação inspirou o convite aos colegas de diferentes abordagens teóricas para compartilhar suas reflexões sobre a sexualidade.

Podemos imaginar a psicanálise como uma torre de Babel, onde a multiplicidade de "línguas" teóricas não gera desentendimento, mas uma rica diversidade de perspectivas. Convidei psicanalistas de diferentes vertentes que vão do freudiano ao lacaniano, do kleiniano ao winniciotiano, para expressarem suas compreensões sobre a sexualidade. Cada artigo é uma voz distinta que ilumina facetas complexas desse tema humano.

Essa "Babel psicanalítica" é nossa força, permitindo-nos abordar a sexualidade como um fenômeno multifacetado, influenciado por pulsões, relações objetais, linguagem, cultura e história. Ao reunir essas visões plurais, buscamos ampliar nossa capacidade de escuta e intervenção, reconhecendo que a complexidade do psiquismo humano exige um olhar integrador.

Na seção de artigos, Márcia Padilha explora em *O que deseja uma mulher hoje?* as transformações corporais e emocionais das mulheres, especialmente na menopausa. Ronis Magdaleno Júnior, em *Sexualidade ainda tem a ver com gênero?*, investiga a relação entre sexualidade e gênero a partir de Freud e Lacan. Susana

**Silvana Torres**

Diretora de Publicações e
Divulgação da Febrapsi,
membro da Sociedade
Psicanalítica do Rio de
Janeiro (SPRJ)



Salete Raymundo Chinazzo, em *Sexualidade: constituinte do sujeito*, discorre sobre a importância da sexualidade na constituição do sujeito. Cláudio Castelo Filho, em *Sexualidade - o tumulto das diferenças*, reflete sobre o poder da sexualidade nas narrativas míticas.

Ana Clara Duarte Gavião, em *Um longo passeio pelos tumultos da psicossexualidade*, aborda a diversidade sexual na psicanálise contemporânea. Bianca Bergamo

Savietto, em *Sexualidade, violência pubertária e o (mau) uso da internet na adolescência*, analisa a experiência sexual na adolescência e suas implicações.

Helena Daltro Pontual apresenta uma biografia de André Green, enquanto Cássia Bruno, em *Por uma urgência de psicanálise*, discute transformações contemporâneas no corpo. Por fim, Ana Biondo, presidente da ABC, fala sobre encontros regionais mistos e o lançamento do livro *Construções 9*, intitulado "Sexualidade e subjetivação: onde se ancora a escuta do analista?".

Que esta edição seja um convite à reflexão, ao debate e à celebração da vitalidade da psicanálise em sua pluralidade.

Boa leitura!

Sexualidade ainda tem a ver com gênero?



Ronis Magdaleno Júnior

Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp) e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Freud, desde seus primeiros movimentos em direção àquilo que viria a ser a Psicanálise, percebeu que a sexualidade era o que determinava o ser humano... e seu gênero. No início, descobriu a sexualidade como causa do sintoma neurótico, mas, pouco a pouco, expandiu seu lugar na metapsicologia, a ponto de torná-la a causa do ser. É um caminho longo e repleto de complexidades e derivações que, ao fim, deixou para nós, seus continuadores, enormes desafios e questionamentos, que nos põe nesse movimento contínuo, em espiral ascendente, com o objetivo de preencher e desenvolver as lacunas que ficaram no caminho da construção freudiana.

Os Congressos Brasileiros de Psicanálise da Federação Brasileira de Psicanálise têm se constituído, já há vários anos, em uma ferramenta do movimento psicanalítico brasileiro para explorar e expandir as ditas aberturas deixadas por Freud durante a construção do corpo teórico e do método da Psicanálise. Nesse sentido, vem em boa hora a trigésima edição do referido Congresso, que irá, num momento tão complexo da Cultura no que se refere às questões ligadas ao gênero e às diferenças, nos convidar e estimular a continuar refletindo sobre aquilo que Freud tinha como tão caro como fundamento de todo seu edifício teórico: a sexualidade.

Mas será que o conceito de sexualidade e seu conceito correlato de gênero, tão explorados por ele, estavam claramente definidos na mente de Freud? Certamente, em função de sua complexidade e de suas mutações antropomórficas contínuas na Cultura, não.

As manifestações das mutações da sexualidade com as quais temos contato atualmente deixaram Freud muito intrigado, talvez perplexo. As equações com as quais Freud trabalhava em sua época eram insuficientes para alcançar a essência daquilo que Laplanche definiu em uma de suas últimas produções de "Sexual" ou daquilo que Lacan, também na fase final de sua produção teórica, denominou "Gozo Outro", algo que está mais além do gozo sexual e que fundamenta a compreensão do que seria a lógica do feminino. Fundamentado no Sexual, o inconsciente é feminino.

Mas, voltemos à Freud. Freud era um homem, europeu, nascido e criado na segunda metade do século XIX, fortemente influenciado pela Cultura de seu tempo e pelo viés positivista da Ciência que o inspirava. Nada mais lógico que começasse a construção da Psicanálise a partir dessa herança e, portanto, com fortes resistências àquilo que poderíamos chamar de um Saber feminino.

Mas Freud era, e o foi até o fim de seus dias, um sujeito intuitivo, profundamente intuitivo. "Seu inconsciente" desde o início é um conceito que busca responder às exigências da Ciência, ou seja, um inconsciente lógico e passível de comprovação empírica. Quantos problemas isso trouxe a ele até o final de sua vida, pois esse inconsciente sexual era determinado por uma lógica masculina, fálica. Mas Freud não seria o que é até hoje se não houvesse, imiscuídos nesse campo do masculino, lampejos de pura genialidade intuitiva em relação ao Saber feminino. O que havia no

inconsciente de Elisabeth von R.? O que havia no inconsciente da jovem homossexual? O que havia no inconsciente do pequeno Hans? O que havia no inconsciente do Homem dos Lobos? A fantasia ligada à lógica do desejo feminino. Ou seja, Freud intui, e demonstra, o tempo todo, que na essência da essência do inconsciente, o que está ali é algo da ordem do feminino, da ordem da não existência, no sentido mesmo que irá propor Jaques Lacan a partir de sua afirmação certeira e algo perturbadora de que "a mulher não existe".

Freud aproxima-se dessa lógica no triênio 1919-1921 quando propõem o conceito revolucionário, tão revolucionário que ele mesmo não pode sustentá-lo, de pulsão de morte e, mais ainda, em 1925, quando descreve a negação a partir da inquietante afirmação: "sou o que não sou". Uma lógica negativa que sustenta todo o ser. É a partir dali onde não sou que me constituo, como sujeito, em minha essência.

O ser é um tornar-se a partir de um não-ser. É desse ponto que Freud irá desenvolver, depois das contundentes críticas que recebeu, principalmente de analistas mulheres, após a publicação, em 1925, do controverso texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica*



entre os sexos, a teoria que sustenta que a mulher é um tornar-se, diríamos nós, um tornar-se a partir de algo que não existe. Mas esse não existir não pode ser tomado apenas como vazio, como nada, como *nothing*, mas como a presença de uma ausência que poderia ter estado ali, e que, portanto, se registrou como marca de ausência Real e que não cessa de não se inscrever, como diria Lacan, a partir da definição aristotélica do impossível. Este é o objeto psicanalítico do qual Freud se aproximou, mas do qual, pelo limite imposto por seus paradigmas, não pode apreender mais plenamente. Simplificando, e muito, a construção lacaniana, este é o lugar/tempo do *objeto pequeno a*, objeto causa do desejo, objeto mais-de-gozar, constituído no registro do Real, e que implica a sexualidade com o impossível e com o Outro absoluto que é a mulher.

O impossível e o infinito, necessariamente fundantes da lógica sexual e relativos ao feminino, precisariam ainda de algum

tempo para ser mais bem assimilados aos modelos metapsicológicos que dão sustentação a uma psicanálise pós-freudiana e que lida com aquilo que poderíamos chamar de pós-sexualidade, livre dos conceitos de gênero, das determinações biológicas e das ideologias da linguagem. Freud intui essa direção necessária da evolução de sua metapsicologia quando cunhou o título de um de seus últimos trabalhos como *Análise finita ou infinita* (1937), mal traduzido como terminável ou interminável.

A aproximação da metapsicologia do inconsciente com a ideia de infinito não pode ser mais amplamente compreendida por Freud, e foram dois de seus grandes seguidores que melhor se aproximaram dele: Bion e Lacan, não sem a contribuição, ainda que pouco explorada pelos psicanalistas, de Matte-Blanco.

É esse autor que irá, pela primeira vez, buscar uma formalização matemática do inconsciente a partir da teoria dos conjuntos infinitos e da lógica simétrica do inconsciente (em contraste com a lógica assimétrica do consciente). A partir desses fundamentos matemáticos, a sexualidade passa a ser não mais uma lógica baseada no masculino e feminino, conceitos, afinal de contas, apoiados na biologia e em construções de linguagem, mas numa dialética entre finito e infinito.

Sem dúvidas, essa é uma expansão de peso no campo psicanalítico, sobretudo por livrar a metapsicologia de um de seus vieses mais comprometedores, aquele que fundamenta sua lógica em um binarismo restritivo e com alto potencial de desvios ideológicos marcados por uma crença numa pretensa normalidade hipotética que nos distancia da multiplicidade, diria mais, do infinito das diferenças, com todo o potencial poiético ele que carrega.



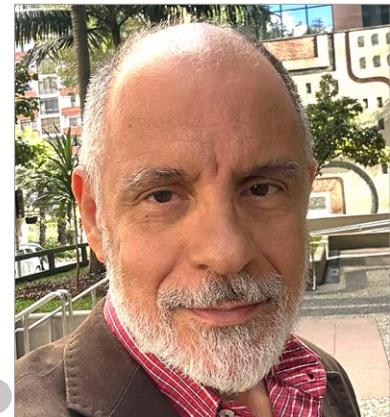
Leda e o cisne, Peter Paul Rubens, 1598-1599 - réplica de uma obra de Michelangelo. Super Interessante, 2022

Sexualidade – o tumulto das diferenças

Roland: ... você era responsável por nossos problemas sexuais, suponho?

Diabo: Certamente não. Sexo, como o xerez, frequentemente produz sentimentos perfeitamente genuinos de amor e afeição. Eu me valia dos vários professores religiosos e moralistas para inflamar o ódio para aquelas práticas agradáveis e inofensivas.

W. R. Bion



Claudio Castelo Filho
Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), doutor em Psicologia Social e professor livre docente em Psicologia Clínica pela USP. Foi supervisor do Centro de Estudos e Atendimentos Relativos ao Abuso Sexual (CEARAS), do Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP. É artista plástico e desenhista

Por meio dos mitos gregos, considero que podemos ter uma abordagem muito significativa da importância e do poder da sexualidade em nossas vidas. Nem mesmo os mais poderosos deuses estavam livres das forças tremendas a ela associadas. A começar por Zeus, o rei de todos os olímpicos. Foi arrastado pelas pulsões性uais e suas conquistas foram inumeráveis. Para obter o que desejava, usava seus poderes, por meio de disfarces como fez com Europa (transformando-se em touro e raptando-a) e com Dânae ao transformar-se em uma chuva de ouro, ou do arrebatamento forçado quando transfigurando-se em águia, apossou-se do jovem Ganimedes e levou-o para o Olimpo.

Já sua irmã e esposa Hera, motivada por ciúmes pelas infidelidades do marido, gerou por partenogênese dois filhos: Hefestos e Tifão. O primeiro ela atirou do Olimpo por achá-lo deformado e ele tornou-se aleijado, e o segundo era um monstro gigantesco e tão perigoso para os próprios deuses que precisou ser contido e foi soterrado sob o Etna e cujas manifestações são vistas durante as erupções.

Parecia ser óbvio aos gregos que a negação da sexualidade produzia deformidades ou consequências terríveis. A própria Afrodite não era capaz de escapar dessa força poderosa e foi esposa infiel de Hefestos que, para expô-la, teceu uma finíssima e inescapável rede de ouro na qual aprisionou a esposa e um de seus inúmeros amantes, o deus Ares, enquanto mantinham relações. Por sinal, a origem de Afrodite deve-se à queixa da deusa

mãe, a Terra (Gaia) que, irritada com os incessantes coitos por parte de Urano (o Céu) e da geração de filhos que não podia dar à luz, incitou seu filho Cronos a castrar o pai para dar fim a tal tormento.

O filho surpreende o pai, quando mais uma vez se aproximava da mãe para nova relação, e corta-lhe os testículos, atirando-os ao mar. Da espuma gerada nasceu Afrodite. Por sua vez, nem Apolo, a epítome da beleza masculina, deixa de sofrer revezes em suas conquistas. Ao tentar violentar a ninfa Dafne, essa sai em fuga desesperada e apela à mãe Terra para que a salve. Ao atendê-la, a deusa a transforma no loureiro e, dessa maneira, Apolo não consegue seu intento, mas usa suas folhas como coroa que, paradoxalmente, surge como símbolo da vitória. O outro revés ocorre na disputa pelas atenções do belo Jacinto com o deus do vento, o Zéfiro. Ao vê-lo jogando o disco com o príncipe espartano, Zéfiro, enciumado, sopra e faz com que o disco se desvie e atinja a cabeça do jovem, que assim morre. Do seu sangue, Apolo, apaixonado e desolado, faz surgir a flor que tem o seu nome.

Por que me ocupo desses mitos? Porque penso que frequentemente há um engano ao se tomar a psicanálise como um método de trabalho que se confunde com valores morais religiosos e sociais. Um psicanalista deixaria de ser um mortal comum sujeito aos imperativos da sexualidade e de outras contingências humanas para tornar-se uma criatura sublim(e)ada, que fica acima dos desejos carnais e de das características que nem os deuses do Olimpo eram imunes.

Certa vez, ouvi de uma proeminente psicanalista, já falecida, que a sexualidade realmente superior e importante era a mental. Não penso ser esse um caso isolado, e sim representante do que ainda muitos de nós permanece pensando. Com a análise, o paciente, e sobretudo o psicanalista, se descolaria de sua carnalidade para tornar-se um ser transcendente e “adequado” aos valores normativos.

Basta pensarmos como a psicanálise e as instituições psicanalíticas trataram a homossexualidade até pouquíssimo tempo, desde que Jones, para desgosto de Freud, segundo relatou Mark Solms no congresso de Cartagena, baniu os homossexuais das formações psicanalíticas porque, caso contrário, a psicanálise jamais seria respeitável nos puritanos Estados Unidos. O próprio manuscrito “perdido” de Freud encontrado há não muito tempo na Itália, sofreu esse destino por conta do que Freud expressou sobre a sexualidade do presidente Ted Roosevelt e da relação homossexual latente dos homens cristãos com Jesus. Freud considerava que o que

impediria alguém de ser psicanalista seria sua falta de talento para a função, e não as suas inclinações sexuais.

Tenho a experiência com analisandos que estiveram em análises anteriores que se surpreendem ao me relatarem fatos de suas vidas性uais que nunca tiveram coragem de mencionar naqueles atendimentos, alguns tendo durado anos. Descrevem a percepção de que aqueles que os atenderam eram hostis a tais fantasias ou práticas. Verifico amiúde em seminários e supervisões a dificuldade que muitos de nós têm de nomear aquilo que intuem da vida sexual de seus pacientes como se o viessem a comunicar fosse mesmo algo ofensivo! Se assim sentem, os pacientes também captam essa postura, mesmo que não comunicada explicitamente. Aquilo que são possibilidades de expressão da sexualidade humana é reificado como tabu e permanece no ostracismo.

É de surpreender que após mais de 100 anos dos Três Ensaios de Freud vejamos a sexualidade ainda ser tratada como terreno minado por psicanalistas.

Quando percebo que um analisando tende a me idealizar e me colocar num lugar sagrado, costumo brincar, dizendo com humor, que não caminho, mas flutuo sobre o chão, e que sexo e outras necessidades humanas não são para psicanalistas, são somente para mortais comuns e não criaturas do Olimpo. Na minha experiência, isso costuma distensionar a atmosfera e liberar os pacientes para uma conversa mais livre.

Civilizar as pulsões não é estar livre delas, é ter o que for possível de consciência sobre as mesmas para se ter alguma condição de se negociar com elas e agir, na medida do possível, tirando partido das mesmas e evitando consequências potencialmente infelizes.

Verifico amiúde ao ler os textos originais de importantes autores psicanalistas que, ao serem traduzidos, perdem toda a conotação sexual implícita ou explícita nos termos que usam. Muitas vezes, palavrões são edulcorados e trans-

formados em linguagem “higienizada”. Todavia, a experiência emocional que o autor pretendia comunicar se perde com essa deformação, já que termos como “foder” não correspondem à experiência emocional “ter relações sexuais”.

Considero que uma análise bem sucedida não é a que torna uma pessoa ajustada aos princípios sociais e culturais, mas sim a que a tenha ajudado a ser ela mesma, seja lá o que isso venha a ser.

Se a natureza de alguém for turbulenta e intensa (também na sua sexualidade), isso não será alterado. Costumo comparar com a natureza da Islândia com seus inúmeros vulcões, terremotos e clima frígido. Essa natureza magmática é a fonte de sua energia que os islandeses aproveitam e que tornou essa terra, a princípio inóspita, num dos países de maior IDH do mundo. Sabem, contudo, que essa mesma potencialidade, pode levar tudo pelos ares a qualquer momento. É lidando com esses fatos incontornáveis, e se valendo deles, que se desenvolvem e podem ter a felicidade possível.



O jardim das delícias terrenas, Hieronymus Bosch, 1504 - Meisterdrucke - Fine Art Prints

Por uma urgente necessidade de psicanálise

*Sou um sonhador
Que sonha com dias melhores
Quando vai acabar todo esse ódio e intolerância
Seria bom se pudéssemos encontrar serenidade
Sou apenas um sonhador
Que sonha com dias melhores*

(trecho de Dreamer, de Ozzy Osbourne, 2021)

*Sinfonia de cordas op 110, 2º movimento.
Dmitri Shostakovich. Dresden, 1960.
"Dedicado às vítimas de guerra e aqueles que ainda resistem"*

<https://www.youtube.com/watch?v=odLNJK70nvE>

Mais do que nunca precisamos de psicanálise, de filosofia, de natureza, das artes. A distância que nós humanos estamos de nós próprios e de nossa essência é assustadora, e ocorre exatamente agora, as vésperas da entrada dos robôs humanoides. Urge, nesse cenário, voltarmo-nos incisivamente para o humano.

O que é característica dos seres humanos?

Voltemos aos primórdios dos tempos, quando os seres desenhavam na caverna seus monstros e lá deixavam a monstruosidade, quando invocavam a força maior para proteger os de medo e lá deixavam o medo, quando pintavam o cavalo retratando a força da natureza e dessa imagem absorviam a capacidade de enfrentar o mundo apavorante. Nesse contexto, por meio do recurso da arte e do sagrado, o homem sobrevivia ao mundo interno, atolido pelas ocorrências do mundo externo. O homem sentia medo, dor, tristeza, alegria e, não havendo ainda a fala, a comunicação era realizada por gestos, olhares, e o rosto humano era da maior importância por ser o veículo que tornava possível o laço entre os seres.

Hoje somos atolados não pelos trovões da força da natureza, mas pelos trovões do mundo simbólico. E nosso rosto não diz mais. Não sofre tristeza nem alegria. Nosso rosto está desafetado. Nos dois séculos que nos antecederam, final do 19 e século 20, o grupo social estabelecia conexões afetivo-intelectuais que promoviam desenvolvimento. Personalidades diferentes com o mesmo projeto se reuniam para trocas

em torno de seu trabalho. O grupo em torno de Picasso, cada qual com estilo próprio (Cézane, Dali) o grupo de Stravinsky que gerou Debussy, Erik Satie, o grupo de cientistas em torno de Einstein (Niels Bohr, Max Planck, Heisenberg), são alguns exemplos de individualidade dentro do grupo. Podemos constatar que existia a troca de informação

No momento atual, como previsto por pensadores do século passado, Walter Benjamin, Pasolini, Orwell, o futuro chegou. E agora é o momento de avaliar criticamente o que estamos vivendo e o que nós seres, sobreviventes pensadores, podemos fazer para amenizar o impacto das engenhocas do desenvolvimento da tecnociência e suas consequências na mente humana.

Estamos vivendo agora as consequências do excesso de simbolismo que temos vivido desde o último século. Já foi dito (Marcuse) que o meio é a mensagem. O visual (roupa, objeto), digamos assim, significam. Falam a que grupo social a pessoa pertence, tipo de educação cultural e assim por diante. Nessa direção perdemos a essência do ser. Se tudo significa, o simbólico torna-se ditatorial. E pode-se dizer que essa ditadura tem sido na direção de uma desumanização do homem biológico. Pasolini fala em genocídio cultural.

Tornou-se comum nos consultórios e em torno de nossa vida cultural o uso indiscriminado das técnicas de escultura do corpo feitos por procedimentos médicos. E então a submissão ao grupo, a necessidade de pertencer, não tem limites razoáveis. Por



Cássia Aparecida
Nuevo Barreto Bruno
Analista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

um lado, as pessoas vão buscar o belo idealizado, não o do mundo grego (um Davi, uma Vênus de Samotrácia, relíquias do Renascimento), mas o belo estereotipado (bocão, peitão, bundão) saídos da mesma forma Kardashian.

Por outro lado, temos o oposto, o feio, a figura humana desfigurada com as tatuagens no corpo todo e a introdução de alterações no rosto, desfigurando-o (curiosamente, essa nova estética remete às figuras de momento histórico remoto onde os seios e o abdômen, assim como o pênis, eram esculpidos em imagens extravagantemente grandes e salientes). Desumanizar parece ser a regra, ou como boneca inflável ou como figura diabólica.

O signo é uma fratura, dirá Barthes. O que está nos aparecendo nessa fratura? Podemos pensar sobre o que está sendo mostrado por meio do significante, indagar qual é a qualidade do significado, isto é, da vida interior que está ali expressa. E qual a natureza dessa vida interior? De que forma ela existe? Onde está o Eu? E o que observamos é o eu bizarro, soma de partes desconexas entre si, que resultam em seres humanoides. Onde está o humano que conhecíamos até então?

E uma indagação vem à tona: o que se passa na humanidade que limitamos nossa criatividade e seguimos cegamente as direções do grupo social, não como efeito manada ou massa de manobra (algo amplamente discutido por Freud em *O Mal-estar na civilização*, 1930, de cem anos atrás) e sim como efeito de autômato?

Algo salta à vista que é o predomínio do raciocínio concreto com todas as desvantagens já largamente conhecidas pelos psicanalistas, especialmente após os estudos dos franceses sobre psicossomática (M'Uzan,



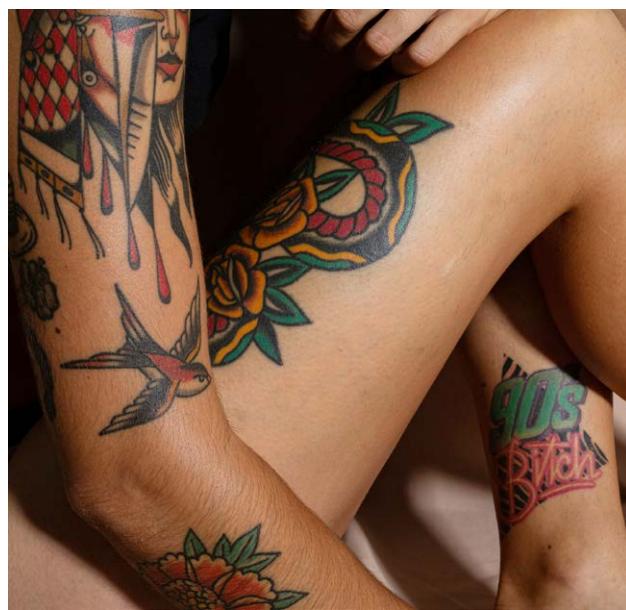
Pierre Marty) e os trabalhos de Tustin com os autistas.

Do ponto de vista da psicanálise, podemos pensar que a capacidade de abstração está sendo altamente prejudicada. Discriminação, abstração, generalização, essas altas capacidades do córtex cerebral estão sendo relegadas a desuso, e isso resulta na falta de eu. Falamos de não-eu, uma vez que não se trata de um vazio a ser preenchido por sensações do corpo, em estreita ligação com a natureza biológica e psicológica.

O não eu procura, por assim dizer, pela imediata evitação do desconforto e desagua no consumismo, tanto de objetos quanto de mídia. Sem a capacidade de pensar crítica e indagativamente, o eu se submete ao grupo, em atitude passiva e concreta, introduzindo-se nos valores dominantes de cada segmento. Não mais se identifica em termos de ideologia ou política, elementos por demais abstratos. Mas busca a alteração, literalmente falando, do corpo, este já não suficiente para abarcar a frustração. É preciso usar de negação do próprio corpo, corrigi-lo nas suas deficiências de perfeição, de acordo com o grupo "escolhido". O corpo, nesse caso, é limitado, é um estorvo que precisa ser modificado para dar conta da angústia e da frustração.

É interessante notar que o simbólico abstrato que remete ao eu tornou-se concreto, num movimento circular e auto-fágico. Paradoxalmente, aquilo que seria o símbolo, com a concretude passa ser algo que é "mobília", como nomeia Bion, porque para remeter a algo, o processo de abstração é fundante e está no próprio nome: symbolon no grego antigo (sym: junto; bolon: lançar, lançar junto, juntar). Símbolo nos termos atuais seria qualquer expressão gráfica ou visual que permite identificar algo, fazendo possível a comunicação da linguagem, bem como representar fatos, ou atuar semioticamente pela associação de signos de alcance social universal, como a cruz de uma igreja (Veschi).

De fato, somos informados pela mídia que pessoas alteram concretamente o rosto em atitude de fugir do humano, do corpo. O humano é imperfeito, e quando pessoas deformam o corpo ou se identificam com animais tentam dar ao corpo outra função, a de escancrar um não eu, um não humano, talvez um "não gosto dos humanos, tenho medo dos humanos, então concretamente, faço o meu rosto ficar aterrorizante para assustar quem eventualmente queira me atacar? (isso sou eu pensando com o meu viés interpretante). Ao contrário do século passado, o simbólico assentado na aparência, não mais representa, apresenta. Na concretude do referencial externo eu sou aquilo que



Stories Ink Tattoo Care - Unsplash

estou apresentando. Isso não significa nada além do que mostro, tal situação é chapada, sem polissemia. Não há algo por traz, ou abaixo ou em perspectiva de profundidade. Eu sou isso que mostro.

É a capacidade de abstração que nos leva a encontrar na arte, no sagrado, na psicanálise, na natureza, o melhor do Eu, seu potencial e suas qualidades, interditadas pelo voo rápido e rasteiro pelo qual passamos os olhos sobre as coisas (Paul Virilio). O processo analítico é que possibilita esse estar com a coisa dentro, o ruminar, o estar ali onde se deveria estar.

A antropóloga Anna Tsing escreve um livro sobre "a possibilidade de vida nas ruínas

do capitalismo. "Há fissuras nesse mundo que devemos ocupar... Devemos buscar a ocupação humana, alterar-se, compor-se, decompor-se com os outros".

O cientificismo do século passado trouxe grandes e inimagináveis conquistas para o humano, no entanto, paralelamente, trouxe seu oposto, a alienação do Eu, a metaforização do humano através de seu simulacro.

Falamos da necessidade urgente de espaços para penetrar nessas fissuras da sociedade consumista se quisermos ter um mundo não só de simulacros e humanoides. Cabe a nós, seres que ainda pensam,

lutar contra essa catástrofe que nos ronda.

A psicanálise tem de chegar no maior número de pessoas, mesmo sendo psicologia, terapia, não importa, mas tem de estar presente, temos de assumir essa responsabilidade diante do mundo. Para além de nossos consultórios, temos de levar o silêncio, o se pensar, o desmanchar para ressignificar.

Temos de voltar ao humano, sentir cheiro do humano, cheiro da terra, da chuva, sentir a cor das flores, o som das árvores. E, mais do que tudo, precisamos parar no tempo, no aqui e agora, e ouvir o silêncio. Desacelerar e ouvir o silêncio. Lá está o Eu.

Ouçamos o poeta David Wagoner. Ler ouvindo, como os gregos.

Lost

O que faço quando estou perdido na floresta? Fique parado
As árvores à sua frente e os arbustos ao seu lado
Não estão perdidos. Onde quer que você esteja, é chamado Aqui
E você deve tratá-lo como um estranho poderoso
Deve pedir permissão para conhecê-lo e ser conhecido
A floresta respira. Ouça. Ela responde:
Eu fiz este lugar ao seu redor
Se você deixa-lo poderá voltar, dizendo Aqui.
Não há duas árvores iguais para Raven
Não há dois galhos iguais para Wren
Se o que uma árvore ou um arbusto faz está perdido para você,
Você certamente está perdido. Fique parado. A floresta sabe
Onde você está. Você deve deixa-la encontrar você.
Fique parado,
A floresta sabe onde vc está
Deixe que ela encontre você.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *O império dos signos*, 2007. Martins Fontes
RECALCATI, M. *Pasolini o fantasma da origem*, 2022.
LOWENHAUPT TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo*, 2015. Ed N 1

- VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política* (1996)
WAGONER, D. *Travelling Light, collected and new poems*, 1999
VESCHI, Benjamin, 2020. <https://etimologia.com.br/símbolo/>

Um longo passeio pelos tumultos da psicossexualidade

A coordenação do Conselho Científico da Febrapsi além de ser uma honra, revela-se uma verdadeira aventura por diversas cidades do Brasil, num longo e instigante percurso, com muito aprendizado. O Congresso de Gramado vai sendo construído gradativamente, com a participação de muitos membros, e o trabalho em grupo, quando prevalece a cooperação, torna-se uma experiência extremamente gratificante, como de fato acontece nesta gestão de 2024-2025, assim como foi na de 2022-2023, da qual também tive a grata oportunidade de participar.

O tema do 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise "Sexualidade: o tumulto das diferenças" homenageia o centenário do texto freudiano *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925, despertando os mais variados olhares psicanalíticos, nas 19 federadas que atualmente compõem a Federação Brasileira de Psicanálise.

Como pode ser visto na programação abaixo, são 17 jornadas preparatórias do Congresso de Gramado desde o ano passado, 2024, até setembro de 2025, constituindo um movimento conceitual de elaboração sobre a multidimensionalidade das experiências psicossexuais e suas inevitáveis turbulências. Ficam aqui registrados os agradecimentos aos diretores científicos de todas as federadas e aos participantes de todas as comissões da organização do congresso, que com muita disponibilidade, motivação e parceria organizaram

susas programações e promoveram excelentes diálogos e reflexões.

Um aspecto que chamou a atenção em várias jornadas foi a viva participação dos inscritos, incluindo estudantes de universidades locais, porta-vozes de questões pertinentes, oportunas, atuais, que evidenciaram o valor epistemológico e clínico do tema proposto para este 30º Congresso, a sexualidade estendida bem além (ou aquém) do genital, pela multiplicidade de zonas erógenas e modelos de relações.

Especificamente em relação à teoria da sexualidade, tal como concebida no pensamento freudiano, destacou-se o entendimento de que com os conceitos de *psicossexualidade* e de *sexualidade perverso-polimorfa*, Freud abre o vértice



Ana Clara Duarte Gavião
Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), diretora científica da Febrapsi/2024-2025

da psicanálise para a enorme diversidade de suas manifestações, estabelecendo os alicerces teóricos para o entendimento das chamadas neossexualidades e da não binariedade. Trata-se, aqui, de algo nada banal; pelo contrário, estamos nos referindo ao eixo epistemológico da psicanálise que torna inteligível o processo de constituição da subjetividade, por meio de relações intersubjetivas permeadas por pulsões.

A sequência das jornadas preparatórias do Congresso de Gramado tornou-se um estímulo constante ao estudo dos textos freudianos sobre sexualidade, um verdadeiro fio da meada da concepção psicanalítica de mente que não se dissocia da dimensão do corpo erógeno, o sensorial interconectado com os afetos, como pode-se ver, por exemplo, no capítulo 5 de *A interpretação dos sonhos*, intitulado "O material e a fonte dos sonhos", no item "Sonhos sobre a morte de pessoas queridas", onde Freud (1900) relata, pela primeira vez, a lenda do Édipo que havia lhe interessado durante sua autoanálise, conforme pode ser visto em sua correspondência com Fliess.

Os desejos incestuosos infantis foram descobertos por Freud principalmente em si mesmo, por meio da análise de seus próprios sonhos, particularmente pelos sonhos que teve após a morte do seu pai. A introspecção, a auto-observação e a autoexperimentação – metodologias científicas comuns no final do século 19 – são originários do método psicanalítico e permanecem válidos. Na psicanálise, o tema da psicossexualidade é indissociável do modelo edípico.

A atualidade dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* é elucidativa da genialidade de Freud (1905) ao discorrer sobre a importância da vida sexual em todas as realizações humanas, descontornando



Mulher se masturbando, Gustav Klimt, 1913
Meisterdrucke - Fine Art Prints



sua diversidade de manifestações desde a mais tenra infância. Mesmo considerando as diferenças da cultura contemporânea em relação ao início do século 20, o valor de tais teorias psicanalíticas permanece, inclusive pela "notável antevisão" de Freud das bases químicas da sexualidade, como observa o editor inglês James Strachey.

No final do segundo ensaio, Freud (1905) acrescenta em 1920 uma nota de rodapé que merece ser destacada, já que reafirma sua perspectiva despatologizante explicitada na primeira edição dos *Três Ensaios* e que, portanto, reitera quinze anos depois da publicação original:

Uma consequência inevitável dessas considerações é que devemos atribuir a cada indivíduo um erotismo oral, anal, uretral, etc., e que a constatação dos complexos anímicos correspondentes a estes não implica nenhum julgamento sobre anormalidade ou neurose. (p. 193)

Construindo gradativamente seu modelo de desenvolvimento psico-sexual em diversos textos, como nos da década de 1920, Freud, em 1925, no texto agora homenageado pela

Febrapsi, *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, diferencia as experiências da menina e do menino diante do "complexo de castração", em seu sentido de incompletude, além da "inveja do pênis", simbolicamente relacionada a desejo de poder.

Na conferência sobre *Feminilidade* de 1933, sem juízo de valor ou antagonismos do tipo superior/inferior, melhor/pior¹, desprendido de raciocínios classificatórios ou preconceituosos, Freud expõe sua apreensão da não binaridade e da intersexualidade, contribuindo para uma perspectiva psicanalítica essencialmente aberta à diversidade sexual:

... partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-

¹ Um modelo interessante foi trazido por Bion (1962), "continente-contido" - ♀ ♂ - com os símbolos de feminino e masculino da biologia remetendo a funções psíquicas de comunicação inconsciente, pelas quais conteúdos emocionalmente densos ou traumáticos, desprovidos de conexão simbólica, encontram um continente psíquico que os transforma em elementos psíquicos pensáveis, inteligíveis (função alfa).

-versa... como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que do outro... aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia. (p. 141)

A anatomia realmente não capturou o pensamento freudiano. As consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos podem ser tomadas como um modelo das consequências psíquicas de tumulto emocional mediante qualquer diferença, na relação eu – não eu, o que merece ser pensado no contexto da relação psicanalítica e, também, nas relações institucionais entre psicanalistas e em qualquer grupo humano.

Embora outros grandes autores tenham trazido contribuições originais e significativas para a expansão do campo psicanalítico, sem o eixo teórico-clínico freudiano corremos o risco de desconfigurar e fragilizar a identidade clínica e científica da psicanálise, facilitando o avanço de formações psicanalíticas inconsistentes, como temos visto em cursos universitários que se apropriam da "psicanálise" como mercadoria, na lógica voraz do sistema financeiro vigente.

É realmente incrível observar a recorrência do desconforto e até mesmo da intolerância ao diferente, em todas as relações, gerando conflitos e tumultos, permanentemente.

Que possamos dialogar em Gramado sobre as múltiplas dimensões inerentes ao tema da sexualidade, sua complexidade e evoluções possíveis, de forma produtiva e gratificante!

Até 22 de outubro!
Conselho Científico da Febrapsi

REFERÊNCIAS

- BION, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Trad. Corrêa, P.D.; Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- FREUD, S. (1990). A interpretação dos sonhos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 4-5, pp. 1-566. Trad. Salomão, J.; Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- FREUD, S. (1990). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 7, pp. 118-230. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- FREUD, S. (1990). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 19, pp. 303-320. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- FREUD, S. (1990). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, Conferência XXXIII - Feminilidade. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 22, pp. 139-165. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

EVENTOS PREPARATÓRIOS PARA O 30º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

2024

- 24 E 25 DE MAIO** - SBPsb (Brasília)
5 DE OUTUBRO - SBPSP (São Paulo)
22 E 23 DE NOVEMBRO - GEP- SC (Florianópolis)
29 E 30 DE NOVEMBRO - GPU (Uberaba)



2025

- 21 E 22 DE MARÇO** - SBPCamp (Campinas)
28 E 29 DE MARÇO - SPPA e SBPdePA (Porto Alegre)
12 DE ABRIL - GEP S.J. Rio Preto (São José do Rio Preto)
26 DE ABRIL - GEP Marília (Marília)
23 E 24 DE MAIO - SPPel (Pelotas)
31 DE MAIO - SBPMG (Belo Horizonte)
06 E 07 DE JUNHO - SBPRP (Ribeirão Preto)
27 E 28 DE JUNHO - SBPCuritiba (Curitiba)
05 DE JULHO - SPRJ e SBPRJ (Rio de Janeiro)
15 E 16 DE AGOSTO - SPRPE (Recife)
29 E 30 DE AGOSTO - SPFOR (Fortaleza)
12 E 13 DE SETEMBRO - SBPG (Goiânia)
26 E 27 DE SETEMBRO - SPMS (Campo Grande)

22 a 25 de Outubro de 2025 - Gramado/RS

congresso.febrapsi.org

Sexualidade, violência pubertária e o (mau) uso da internet na adolescência

Instigada pelo convite para escrever sobre sexualidade, decidi fazer dois recortes. O primeiro propõe enfocar a sexualidade na adolescência. Freud (1905/1976), na abertura do terceiro ensaio sobre a teoria da sexualidade, define a puberdade precisamente por sua articulação com as transformações no âmbito da vida sexual.

A saída da latência, a genitalização e a intensidade com que a sexualidade é então experimentada fazem ressurgir a problemática edipiana de maneira impetuosa. Vários autores sublinham que a adolescência é marcada por violência interna, pulsional. As transformações fisiológicas experimentadas pelo adolescente requerem um trabalho psíquico que é

violento por essência já que o adolescente é ‘vítima’ de uma mudança que ele não pode, em hipótese alguma, controlar; a puberdade é acionada de modo programado geneticamente (...) e confronta o adolescente com uma reorganização completa de si mesmo no plano de sua identidade corporal, psicológica e sexual (MARTY, 1997, p. 13. Tradução minha).

Frequentemente, as modificações da puberdade são vivenciadas como advindas do exterior, fazendo com que o adolescente sinta seu corpo como “corpo estrangeiro” habitado por novos e violentos aspectos pulsionais.

Dante das desestabilizadoras novidades pubertárias e da reorganização subjetiva demandada em diversos planos, um abalo intenso das bases narcísicas tem lugar. As possíveis falhas narcísicas engendradas nas relações precoces ressurgem e complexificam ainda mais o cenário. Independentemente dessas eventuais falhas, uma fragilização narcísica é inevitável, e apenas as capacidades internas do adolescente não sustentam a elaboração da violência pubertária. Para que tal elaboração ocorra, é indispensável o que Philippe Gutton (1991) denomina como “apoio narcísico parental”.

Buscarei enfatizar agora, no segundo recorte, a implicação de uma carência do “apoio narcísico parental” (entre outros elementos, evidentemente) no seguinte fenômeno: o das conexões marcadas pelo privilégio do ódio, da destrutividade e da violência radical – na contramão de vínculos caracterizados pela predominância do amor e da experimentação saudável – travadas por adolescentes no mundo virtual. Abordarei duas situações: aquela retratada na série Adolescência (Netflix), onde Jamie (13 anos) esfaqueia até a morte sua colega de turma Katie; e a do adolescente (14 anos) que matou os pais e o irmão de 3 anos no Rio de Janeiro, tendo como cúmplice a namorada virtual do Mato Grosso do Sul.

A série da Netflix aponta certa dificuldade de Jamie para conter a própria violência; também aponta significativo distanciamento dos pais em relação à vida do filho. Jamie andava sozinho por zonas desertas da cidade em que morava, inclusive tarde da noite, sem os pais saberem de seu paradeiro. E, sobretudo, como Ruggero Levy (2025) expôs com densidade na atividade “Vamos falar sobre Adolescência?”, Jamie transitava sozinho pela web – extremamente vulnerável, atravessado por fortes conflitos ligados à própria imagem e masculinidade – exposto a ambientes intensamente sórdidos e patológicos. Seus pais apostavam, sem envolvimento e garantia, que o filho estivesse seguro dentro do quarto.

Quanto à segunda situação: o casal de adolescentes relacionava-se há cerca de seis anos, e parte da motivação do crime estaria ligada à proibição dos pais quanto ao rapaz viajar para encontrar a namorada. Muitas indagações ressoam: com essa proibição, os pais enxergavam o relacionamento virtual como inofensivo? Em seis anos, pensaram sobre / concretizaram “ser apresentados” à namorada e à família dela? Estavam atentos ao conteúdo das mensagens que os adolescentes trocavam? Os jornais noticiam a incredulidade da mãe



Bianca Bergamo Savietto

Membro associada da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), doutora em Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica na UFRJ

da menina (15 anos) quanto ao envolvimento desta no triplo homicídio. Assim como o pai de Jamie, essa mãe precisou ser apresentada por policiais a evidências a respeito de tanto do que se passava na vida de sua filha.

A necessidade dos adolescentes de que suas figuras parentais sustentemativamente o processo pubertário exige presença afetiva e engajamento dessas figuras também na vida digital dos filhos. Como tem defendido com afinco a juíza da Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro, Vanessa Cavalieri: quando o adolescente navega na internet, é essencial a supervisão do adulto e o monitoramento por ferramentas de controle parental. Ela afirma não se tratar de invasão de privacidade, e sim de proteção, olhar (com bom senso) as conversas virtuais dos adolescentes. Afinal, essas medidas não equivalem, no mundo real, aos pais terem fundamental acesso (além de interesse) a uma parcela relevante das interações dos filhos?

REFERÊNCIAS

- CAVALIERI, V. (2025, 10 de março). Vanessa Cavalieri não quer prender o teu filho [Podcast]. *Fio da meada*.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, v. VII.
- GUTTON, P. (1991) *Le pubertaire*. Paris: PUF.
- LEVY, R. (2025, 09 de abril) *Vamos falar sobre Adolescência?* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, Brasil. Palestra online.
- MARTY, F. (1997) “Violences à l’adolescence”. In: MARTY, F. (org.) *L’illégitime violence: la violence et son dépassement à l’adolescence*. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès.

“Ser tudo igual é característica do azulejo na parede e, mesmo assim, há quem misture”

Valter Hugo Mãe, *O Paraíso são os Outros*



Berta Hoffmann Azevedo

Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Editora-chefe da Revista Brasileira de Psicanálise (RBP)

É com grande alegria que assumo, ao lado da minha equipe, a editoria da Revista Brasileira de Psicanálise. Parte da comissão — incluindo a editora associada Cláudia Suannes — já vinha trabalhando junto nos últimos quatro anos, durante minha coordenação no Jornal de Psicanálise. Tanto lá quanto aqui, buscamos tecer um projeto editorial contemporâneo: vivo, atravessado por seu tempo, atento ao que pulsa como questão problema ao fazer analítico.

A Revista Brasileira de Psicanálise, da Febrapsi, é uma publicação que reúne muitos Brasis: um único país, mas múltiplas realidades culturais em cada estado, cidade, comunidade ou instituição. Esse reconhecimento deu nome ao nosso projeto editorial *Sotaques: Psicanálise como conhecimento situado*.

A Psicanálise, como bem mostra a trajetória do seu movimento, espalha-se em diferentes solos, ganhando múltiplos sotaques em função da germinação da semente freudiana onde ela frutifica.

Seu sotaque nunca é neutro: é tecido pelas marcas do tempo, do espaço, das condições singulares de cada território. As variações de etnia, classe, gênero, região, e todas as formas de diferença que atravessam nosso mundo, também atravessam escuta e escrita. São elas que modulam

o ritmo, a entonação, os silêncios e os acentos da nossa produção teórico-clínica. Porque ninguém pratica a psicanálise fora de seu mundo: nela, cada analista ecoa as questões que lhe couberam viver, os vieses que lhe atravessam, e as perguntas que a história lhe entregou como tarefa.

Nesta perspectiva, o saber é corpo: enraizado, situado, inevitavelmente

parcial — e, ainda assim, em íntima conexão com o todo. Toda fala carrega um lugar, um corpo, uma história e é justamente no encontro com outras realidades que a complexidade se revela em sua potência. Como o próprio Brasil, a psicanálise se faz, assim, mais rica quando acolhe a pluralidade dos seus sotaques.

A clínica — esse terreno fértil onde germinam nossas inquietações e hipóteses — nos coloca frente a frente com mundos subjetivos e culturais diversos. Cada encontro inaugura desafios únicos, nascidos das condições singulares de cada par. É desse espaço vivo que nosso projeto editorial deseja extraír o que ainda não foi suficientemente pensado, buscando palavras novas para os impasses que atravessam o ofício psicanalítico.

Nosso primeiro número, *Desilusões na clínica psicanalítica*, já se encontra disponível para compra e o segundo, *Psicanálise em chamas*, está próximo de vir à público. Eles revelam pelo projeto e pela inclusão das seções **Diálogos** e **Interface** a aposta científica no encontro com a alteridade.

Esperamos ser esse o início de um trabalho estimulante junto aos autores e leitores!



O menino azul, Thomas Gainsborough, 1770
Meisterdrucke - Fine Art Prints

Sexualidade: Constituinte do sujeito



**Susana Salete
Raymundo Chinazzo**

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPPA) e filósofa

Discorrer sobre o tema da sexualidade humana, a partir da psicanálise, significa falar sobre a constituição do sujeito, e, também, sobre a etiologia dos sintomas (neuróticos e psicóticos). Conforme as experiências clínicas de Freud, os sintomas psicopatológicos seriam expressões disfarçadas dos impulsos sexuais reprimidos, que gerava grandes sofrimentos para seus pacientes.

No livro *O Banquete* de Platão, encontramos o discurso de Aristófanes o qual menciona uma explicação mítica sobre o surgimento do desejo erótico do sujeito. Segundo o mito dos andrógenos, os seres humanos originalmente tinham torsos esféricos, quatro mãos e pés e duas faces em uma cabeça. Eles queriam invadir o céu. Por isso, Zeus os puniu, cortando cada um deles ao meio, e as dividindo em duas metades, cada uma com uma face, dois pés e dois braços. Essas metades originam as pessoas, quem somos; as quais, consequentemente, sofrem por sua incompletude e passam a buscar a outra metade perdida. O desejo pela totalidade anterior é mostrado na forma do desejo erótico, que visa a unificação. Alguns seres esféricos eram puramente masculinos, outros puramente femininos, e outros andróginos, que tinham metade masculina e feminina.

Segundo o filósofo Schopenhauer, em sua *A Metafísica do Amor*, o amor sexual é considerado como simples recurso de que valeria o “gênio da espécie”, isto é, a vontade de viver, seria um impulso cego e incessante que reside na essência de todos os seres.

Na obra *Ser e Nada* de Sartre, (p. 452-53), a sexualidade é vista como uma estrutura fundamental da existência do sujeito. O autor escreve: “Embora o corpo tenha uma tarefa importante, é preciso basear-se no ser no mundo e no ser para os outros: eu desejo um ser humano, não um inseto ou um molusco, e o desejo na medida em que ele está, e eu estou, em situação no mundo, e na medida em que ele é um outro para mim e eu sou um outro para ele”.

No período moderno, a Psicanálise chamou a atenção sobre a sexualidade, mencionando que a sexualidade vai além da genitalidade e do ato sexual, apontando que este conceito é bem mais amplo de prazer e satisfação. Na libido, que salienta as experiências humanas e a organização psíquica de cada sujeito, estão abotoadas as pulsões. Em outras palavras, a sexualidade é uma extensão fundamental da constituição do sujeito, que deve ser entendida na totalidade dos seus sentidos, portanto, tornando-se assunto e área de conhecimento.

Sigmund Freud foi o primeiro a desenvolver a teoria sobre a sexualidade infantil, numa época em que a moral era muito rígida, logo, havia muito tabu e preconceito.

Penso que é importante distinguirmos a sexualidade do *Homo sapiens* a dos outros animais mamíferos. Por um lado, a sexualidade dos animais é determinada pelo biológico, isto é, está tudo assentado pelo seu código genético, ao passo que a sexualidade do sujeito tem influência biológica, mas não é determinista, pois está vinculada às experiências singulares pelas quais cada sujeito vivencia e que ocorrem dentro de um contexto sociocultural específico. Portanto, tem uma maleabilidade conforme a história singular de cada um e o ambiente ao qual está inserido.

Conforme as observações de Freud, a sexualidade humana já se manifesta na tenra infância, desde o nascimento, mesmo que ainda não haja, nessa fase, um aparato biológico suficiente para fazer uso desses impulsos. Também ainda não é possível, nesse período, satisfazer as próprias necessidades biológicas da sexualidade, que é a reprodução, porque o corpo da criança não está preparado fisicamente e não tem uma estrutura psíquica para dar conta dos impulsos sexuais. É a chamada sexualidade ampliada.

Segundo Freud (2006), a sexualidade é construída durante as primeiras experiências afetivas do bebê, incluindo as experiências de satisfação ou de não satisfação dos primeiros cuidados. Quando nasce, a percepção do bebê

é sensorial, todo contato com seus pais ou cuidadores passa a compor as primeiras sensações sexuais e será a base para a construção dos vínculos afetivos e do desejo de aprender. Em outras palavras, a sexualidade infantil surge das necessidades orgânicas e acaba se apresentando autoerótica, procurando a satisfação de seus desejos em seu próprio corpo. É com o desenvolvimento psicossexual que o autoerotismo vai cedendo espaço e a alteridade vai se estabelecendo nas relações afetivas e sociais – e as sexuais, propriamente ditas (escolha de objeto).

A história sexual de cada um vai constituindo aquele sujeito enquanto único, singular, e vai estabelecendo relações com o campo social, cultural e histórico.

Da constituição às manifestações sintomáticas do sujeito a sexualidade está presente e ocupa ciências como a psicanálise e a filosofia a compreenderem o ser humano e seu sofrimento psíquico. Sem dúvida, a questão da sexualidade humana provoca muitas reflexões. Na antiguidade, mais precisamente, no mito dos andrógenos, vamos encontrar o ser humano dividido, ou seja, perdeu sua plenitude. No Banquete de Platão, temos uma bela discussão sobre o amor, Eros, gerando assim, um debate filosófico para definir e entender esse sentimento. Freud vai mencionar a repressão sexual relacionada ao sofrimento da neurose e da psicose. Atualmente, nos deparamos com sexualidade em outro momento histórico e cultural. Como pode ser analisada desde a constituição à manifestação sintomatológica? Como entender

a sexualidade humana para além da busca da sua metade e para além da repressão sexual?

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1962.
- FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII.
- FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.
- FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.
- OUTEIRAL, José Ottoni. Educar nos tempos de hoje. IN: SILVA, Maria C. Pereira (Org.). **Sexualidade Começa na Infância**. São Paulo: Editora Blucher, 2023.
- SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A Metafísica do Amor**. Editora: Coisas de Ler. Lisboa, 2006.



O beijo, Tolouse-Lautrec, 1892 - Meisterdrucke - Fine Art Prints

O que deseja uma mulher hoje?

"Erótica é a alma"

Adélia Prado



Márcia Padilla

Membro em formação na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

Há algo profundamente desafiador em ser mulher dentro de um corpo que, de tempos em tempos, se transforma. Em um mundo de *photoshop* e *fotos Instagramáveis*, a juventude é celebrada como potência e promessa de eternidade. A chegada da menopausa, não raro acompanhada de silêncios incômodos e piadas incertas, provoca na mulher uma crise vital com sentimentos de invisibilidade e decadência.

Adélia Prado, uma das vozes mais importantes da poesia brasileira, rompe com o silêncio cultural que frequentemente cerca o desejo das mulheres mais velhas, articulando corpo, prazer e envelhecimento com lirismo e coragem. Ao falar sobre a *alma erótica* Adélia coloca o erotismo além do físico e reconhece que ele persiste e se manifesta de maneiras diversas ao longo da vida. A sexualidade continua sendo uma parte vibrante e significativa da experiência humana.

Freud (1915) afirmou que a pulsão não envelhece, brota do inconsciente atemporal. E, se o erotismo não é apenas biologia, a sexualidade não se encerra com a última menstruação. A perda da fertilidade e da juventude costuma ser apreendida como perda da atratividade e encerramento da vida sexual da mulher. Mas a mulher continua a desejar, o desejo não desaparece, apenas muda de forma. O corpo não responde como antes, mas ainda fala. A menopausa, por ser um ponto de ruptura, pode ser transformadora. Algo morre e algo nasce. Não se trata de fim, mas de recomeço.

Na escuta analítica, muitas mulheres descobrem que a aparente ausência de libido, de desejo e de sentido pode ser uma espera. A menopausa é uma passagem que exige tempo, elaboração e coragem para

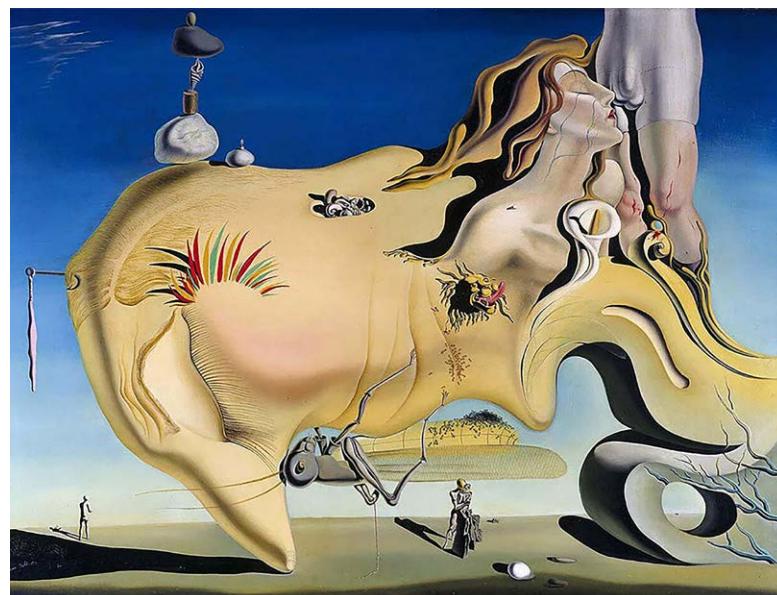
se afastar das idealizações que acompanharam a sexualidade ao longo da vida: ser desejável, ser fértil e sempre disponível. Ao deixar a servidão a esses imperativos, a mulher é capaz de escutar seu corpo e se surpreender com o surgimento de um erotismo menos domesticado, isento de amarras sociais, familiares ou reprodutivas e mais próximo daquilo que, desde sempre, esteve reprimido. A mulher se permite dizer NÃO com mais clareza e SIM com mais liberdade. A sexualidade tinge-se de tonalidades até então desconhecidas, mais simbólicas, mais afetivas, menos centradas na performance.

A sexualidade, presente desde a infância, conforme Freud, não se esgota com o fim da função reprodutiva. A mulher atravessa a menopausa e carrega um corpo com as

cida para redescobrir o prazer, sob outras formas e ritmos.

A escuta psicanalítica auxilia o sujeito a se aproximar da sua verdade. Em um tempo que insiste em silenciar a mulher que envelhece, escutar seus desejos é um gesto íntimo, profundo e político. Sem romantizar, na menopausa há sofrimento, ondas de calor, insônia, irritabilidade e luto. Mas, escutar o próprio corpo é uma forma de acolhimento que gera na mulher infinitas transformações. A menopausa é a hora de pausar o tempo e criar uma nova narrativa sobre si mesma, de se colocar no centro de sua própria experiência e pensar em como deseja viver diariamente. Pensar a menopausa sob a perspectiva da psicanálise é olhar para as perdas e encarar o ganho de tempo e liberdade que se tem pela frente.

As perdas da função reprodutiva, de alguns dos vínculos que se imaginava serem eternos e da imagem de si mesma demandam um trabalho psíquico de elaboração do luto, tal como nos descreveu Freud em 1917, para que possa ser restabelecido o laço do sujeito com o desejo. O trabalho do luto exige tempo, energia e uma reconfiguração do investimento libidinal. A menopausa, portanto, pode ser uma chance de se reinventar e atualizar a sexualidade. Habitar o próprio corpo com outra autoridade, outro tempo, outra delicadeza. Porque a alma, como nos diz Adélia, continua erótica. Mesmo quando o corpo já não sangra.



O grande masturbador, Salvador Dalí, 1929 - decorem.com.br

marcas do tempo, o corpo se transforma em um lugar que possui uma história, desejos, memória e permanência. Um corpo com um mapa antigo, a ser decifrado sem pressa. Assim, a menopausa abre espaço para uma sexualidade menos normatizada, menos capturada pela expectativa do outro. Muitas mulheres relatam uma liberdade desconhe-

Ecos da Formação: Vozes que se cruzam do Nordeste ao Sul



Ana Paula Basséggio
Biondo Adachi
Analista em formação da
Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso
do Sul (SPMS)
Presidente da ABC - Associação Brasileira
de Psicanalistas em Formação - IPA

Queridos membros e analistas em formação,

Ecrevo em nome da ABC para compartilhar as experiências vividas nos encontros dos *Regionais Mistos*, que abriram um espaço vivo de escuta, trocas e pertencimento. Os encontros aconteceram nas Sociedades de São Paulo, Brasília, Recife e Brasileira de Porto Alegre. Agradecemos imensamente a cada federada por abrir suas portas para a ABC e contribuir com a realização desse projeto que, há mais

de duas décadas, sustenta um espaço de fala e escuta entre analistas em formação de todo o país.

Nestes encontros, testemunhei relatos intensos, singulares e profundamente implicados com os desafios da formação psicanalítica contemporânea. Foram momentos de elaboração coletiva, em que o que se compartilhou ecoou para além das palavras – reverberando afetos, inquietações e desejos.

Os analistas em formação levantaram questões urgentes e potentes sobre o

momento que vivemos: as dificuldades enfrentadas por cotistas, atravessadas pela pauta do racismo e da exclusão; os desafios de ser mãe e psicanalista; as trajetórias dos analistas em formação “leigos”; e as diferenças curriculares entre os institutos. Temas que exigem de todos nós um olhar atento, uma escuta ética e posicionamento.

Além do trabalho realizado nos *Regionais Mistos*, a diretoria da ABC se empenhou em mobilizar os analistas em formação para a escrita do *Livro Construções 9*. O tema da publicação — “Sexualidades e Subjetivação: Onde se ancora a escuta do analista?” — me levou a pensar que nossa escuta se sustenta na verdade, na ética e, principalmente, no caminho que percorremos em nossas próprias análises.

Com tudo isso, o movimento dos analistas em formação tem se intensificado e nos convocado a pensar, revisitá e elaborar os percursos da formação. Acredito que, em outubro, no Congresso da ABC, colheremos os frutos dessa gestão que se propôs a construir uma *ABC em Rede* — viva, implicada e em permanente transformação.



Sete banhistas, Paul Cézanne, 1900 - Meisterdrucke - Fine Art Prints



Febrapsi acompanha debates sobre regulamentação da psicanálise

A Diretoria do Conselho Profissional da Febrapsi tem se dedicado intensamente ao acompanhamento das recentes ameaças de regulamentação da psicanálise como prática profissional.

No campo das políticas públicas e da interlocução com o Estado, a atuação do Conselho Profissional tem sido marcada por firmeza e compromisso com a defesa da autonomia da psicanálise frente às tentativas de sua assimilação a modelos normativos de regulamentação.

O diretor do Conselho Profissional, Fábio Lopes, participou da audiência pública realizada na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) do Senado Federal, no dia cinco de agosto de 2025. A audiência teve como pauta a proposta de regulamentação da psicoterapia como atividade privativa de psicólogos e médicos psiquiatras, tema que desperta preocupação entre os

profissionais da psicanálise devido às possíveis restrições à liberdade de exercício da clínica psicanalítica.

Na ocasião, Fabio Lopes representou a posição da Febrapsi, reafirmando que a psicanálise possui uma tradição formativa própria, fundada na tríade análise pessoal, supervisão e formação teórica, conduzida por instituições não estatais, em consonância com os princípios estabelecidos por Freud e preservados historicamente por escolas de diferentes orientações. Destacou que a preocupação da senadora Mara Gabrilli (PSDB-SP), nomeada relatora do tema, é legítima ante a proliferação de cursos ditos de psicoterapia – em especial na área da psicanálise – muitas vezes com chancela do MEC, mas que o saneamento disso não deveria passar pela regulamentação restritiva e sim pelo monitoramento desses cursos após a graduação, sob risco de limitar

o exercício legítimo de profissionais, não psiquiatras nem psicólogos, com formações criteriosas reconhecidas internacionalmente.

A Febrapsi também se fará presente em outra audiência pública, desta vez convocada pelo deputado Paulo Folleto (PSB-ES), da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, para discutir sobre a criação de faculdades de ensino à distância de psicanálise, autorizadas pelo MEC. Cabe destacar que esta audiência é resultado do trabalho do Movimento Articulação, do qual a Federação Brasileira de Psicanálise é integrante.

A par dessas atividades, segue-se o processo de reforma estatutária. O texto com as propostas coletadas nas reuniões com representantes das Federadas já está em análise pelo jurídico da Febrapsi, com previsão de conclusão ainda este ano.



FEBRAPSI Notícias: há trinta anos divulgando a psicanálise

Biografia: André Green

"Não tenho medo de parecer antiquado ao dizer que não posso conceber o inconsciente diferentemente da visão de Freud, isto é, sem estar fundamentado na sexualidade e na destrutividade"

(André Green)¹



Helena Daltro Pontual

Membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Com uma inteligência excepcional, grande capacidade clínica e teórica, André Green impressionava os colegas em congressos de psicanálise pelo mundo, onde defendia seus pontos de vista sempre de forma marcante, vigorosa e séria, revelando profundo conhecimento da obra de Freud². Sua complexa obra é reconhecida pela importância e grande contribuição à psicanálise contemporânea, pelo volume de publicações em livros, artigos, conferências e também pela diversidade e originalidade. Visitou o Brasil algumas vezes, especialmente na década de 90, para seminários, conferências e supervisões clínicas em São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Brasília.

Filho de judeus sefarditas, Green nasceu em 1927 no Cairo e morreu em 2012 em Paris. Mudou-se para a França aos 18 anos para estudar medicina, especializando-se em psiquiatria. Sua entrada na psicanálise ocorreu no movimento psicanalítico francês pós-Segunda Guerra Mundial, período marcado por debates intensos entre as vertentes freudiana, kleiniana e lacaniana.

Entre 1956 e 1960 fez sua primeira análise com Maurice Bouvet (Catherine Parat será, mais tarde, sua segunda analista). Seu percurso psicanalítico começa marcado por uma forte influência de Jacques Lacan, cujos seminários ele frequentava em meados dos anos 60. Em 1967, afasta-se de Lacan e inaugura seu próprio seminário no Instituto de Psicanálise de Paris, para o qual convida Jacques Derrida, Marcel Detienne, René Girard, Michel Serres e Jean-Pierre Vernant, construindo pontes entre a psicanálise e as ciências sociais. Recebeu forte influência de Klein, Winnicott e Bion, além da psicanálise francesa, sem, contudo, se filiar rigidamente a uma única

escola. Tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica de Paris e, mais tarde, seu presidente. Também ocupou cargos de destaque na IPA.

Considerado um autor-ponte entre diferentes tradições psicanalíticas, articulou a herança freudiana com contribuições de autores britânicos, franceses e latino-americanos. Sua obra abriu caminho para compreender fenômenos psíquicos não representacionais, estados-limite, a clínica do vazio e a centralidade da ausência na constituição do sujeito. Sua obra proporcionou à psicanálise instrumentos teóricos e clínicos para tratar casos difíceis, ampliando o campo de atuação do analista. Para Zimerman³, vale destacar que um aspecto essencial dos seus trabalhos consiste na dialética que mantém entre a representação e o afeto; o trabalho do negativo; e o narcisismo de vida e de morte, entre outros.

Para Green⁴, não basta escutar o que é dito; é preciso escutar também o silêncio, o apagamento e a ausência. Era um convite para a escuta mais profunda, capaz de captar o que nos revela o silêncio, o que ficou de fora daquela fala, o não-dito, revalidando a atenção flutuante da qual nos falou Freud e, na sua sensibilidade e genialidade, o que intuía Alberto Caeiro (um dos heterônimos de Fernando Pessoa): “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito; é preciso também que haja silêncio dentro da alma”.

Green deixou um legado que continua a inspirar a clínica e a teoria psicanalítica. Sua capacidade de dialogar com diferentes tradições e de enfrentar os aspectos mais enigmáticos da vida psíquica fez dele um dos autores mais citados e estudados da segunda metade do século XX e início do XXI.

Principais conceitos

O pensamento de Green se destaca por novas formas de se pensar metapsicologicamente o aparelho psíquico e a complexidade do inconsciente. Sua obra é marcada pela originalidade, rigor clínico e desejo de renovar a psicanálise sem trair seus fundamentos freudianos. Algumas de suas principais contribuições incluem:

a) O Trabalho do negativo^{5 6} – Possibilita a relação do sujeito com a ausência, a falta, a perda e a morte, elementos que influem na capacidade de representação e constituição do self. Quando não ocorre o trabalho do negativo, o psiquismo fica sujeito a estados do “não-ser”, da ausência e do vazio, com ataques à simbolização, apagamento do pensamento e das emoções. Utilizou o pensamento de Hegel, que, em sua dialética, via o negativo como motor do desenvolvimento da consciência. Para Green⁷, o trabalho do negativo surge, primeiro, como condição para a vida humana e social, pois é preciso dizer “não” e conter a força bruta de certas pulsões. Nas relações objetais, é preciso dizer “não” ao objeto para poder dizer “sim” para si mesmo e se tornar um sujeito.

b) Morte Psíquica e estados-limite – Ao estudar pacientes que não se enquadravam claramente nas estruturas neuróticas ou psicóticas, desenvolveu uma compreensão sofisticada dos estados-limite (borderline), descrevendo que há nesses casos um colapso

5 GRENN, André. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2011

6 GRENN, André. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Org. Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 2008

7 GREEN André, URRIBARRI, Fernando. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo – Diálogos*. São Paulo: Blucher, 2019

1 Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *Livro Anual de Psicanálise*, São Paulo XI, 1995

2 Relato de Luciane Falcão, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. *Revista de Psicanálise da SPAA*, v. 20, n. 1

3 ZIMERMAN, D. E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

4 GREEN, A., (2004). O silêncio do psicanalista. *Psychê*, VIII (14), 13-38.

das funções representativas e formas de sofrimento ligadas ao “apagamento” do objeto interno, em que está em jogo o narcisismo com seus conflitos e clivagens, intolerância a perdas, impulsividade, sentimento de vazio e *acting out*.

c) Mãe Morta⁸ – Talvez seu conceito mais original e famoso, a “mãe morta” descreve uma situação em que a mãe, por uma depressão, luto, perda ou trauma, retira seu investimento afetivo da criança, permanecendo fisicamente presente, mas emocionalmente ausente. Essa experiência precoce gera no sujeito um “luto congelado” (carrega a morte em si), vazio afetivo e uma busca incessante por reviver, reparar ou evitar essa perda.

d) Pensamento clínico ampliado – Propõe uma clínica para além do modelo puramente interpretativo, incluindo a atenção às falhas na simbolização, ao não-dito e ao silêncio do analisando.

e) Afeto e representação – Enfatizou a articulação entre representações e afetos, mostrando que, em certas patologias, essa ligação se rompe, gerando afetos sem representações ou representações sem afeto. Em seus trabalhos, também abordou temas como alucinação negativa, psicose branca,

pulsão de morte, narcisismo de vida e de morte, e conceituou as funções objetalizantes e desobjetalizantes, de ligação e desligamento dos objetos.

Tragédias e vivências pessoais

A vida de Green foi atravessada por experiências de perda e sofrimento que se refletiram profundamente em sua obra. Em sua primeira infância, ainda no Cairo, Green conviveu com a grave doença de sua irmã, 15 anos mais velha que ele, que sofria de tuberculose óssea⁹. Ela se tratava na França, o que obrigava a mãe a viajar várias vezes àquele país, muitas das quais acompanhada por Green. Há relatos segundo os quais Green escutava sua mãe dizer que estava grávida e que o carregava em uma dessas viagens. Com a morte dessa filha, a mãe de Green passou por longo período deprimido.

A doença da menina prejudicou as finanças da família, já que eram altos os gastos com as viagens e o pai a se ausentava dos negócios para acompanhar a família. As dificuldades financeiras do pai também marcaram a vida de Green, pois o patriarca se tornou alguém distante e muito fragilizado, com quem teve poucas trocas. O pai

morreu aos 59 anos, quando Green tinha 14 anos. Sua mãe morreu alguns anos depois, com Green ainda jovem.

Embora tenha escapado diretamente dos horrores do Holocausto, Green viveu o peso do antisemitismo e do exílio. Essa condição de deslocado e estrangeiro o acompanhou durante toda a vida, influenciando sua sensibilidade para a experiência de não pertencimento. Ele raramente falava de suas tragédias, mas deixou transparecer em entrevistas que parte de sua sensibilidade para o vazio e o apagamento vinha de vivências pessoais intensas e silenciosas.

Recordar e elaborar

Em conversas com o psicanalista Fernando Uribarri¹⁰, da Associação Psicanalítica Argentina (APA), sobre os desafios que aguardam a psicanálise, Green respondeu: “Estou convencido de que a verdade da psicanálise é um ganho cultural irreversível. Mas a resistência do mundo é sempre mais forte. E a dos analistas, como sabemos, também não é das menores...”

Salientou, nessa mesma entrevista, que é preciso falar dos desafios da clínica, suas encruzilhadas, fracassos e desilusões, pois os obstáculos são condições para se poder avançar. Previu também a necessidade de se refletir sobre as limitações impostas pelos dogmas, o reducionismo de alguns modelos centrados exclusivamente na dupla mãe-bebê ou desejo-castração, pois não se pode esquecer que a psicanálise permanece tão revolucionária como era no tempo de Freud: “A sexualidade perverso-polimorfa é sempre subversiva. A destrutividade pulsional é uma ameaça para a razão. É por isso que o futuro da psicanálise vai depender sempre de um combate pela verdade”.

Em discurso feito no dia 27 de janeiro de 2012, no Cemitério do Père Lachaise (Paris), durante a cerimônia de adeus a Green, Uribarri¹¹ destacou que com seu percurso intelectual – especialmente do que ficou conhecido como a guinada do ano 2000 – Green teve um projeto pluralista de uma psicanálise ampliada, transformada e contemporânea. Ele priorizou a construção de um novo paradigma freudiano, “aberto, hipercomplexo, especificamente contemporâneo”. Graças a ele, “nos tornamos ou podemos nos tornar psicanalistas contemporâneos (...) Cabe a nós recordar, elaborar e assumir sua herança, fazer de seu fecundo legado um pensamento vivo”.

⁸ GRENN André. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988

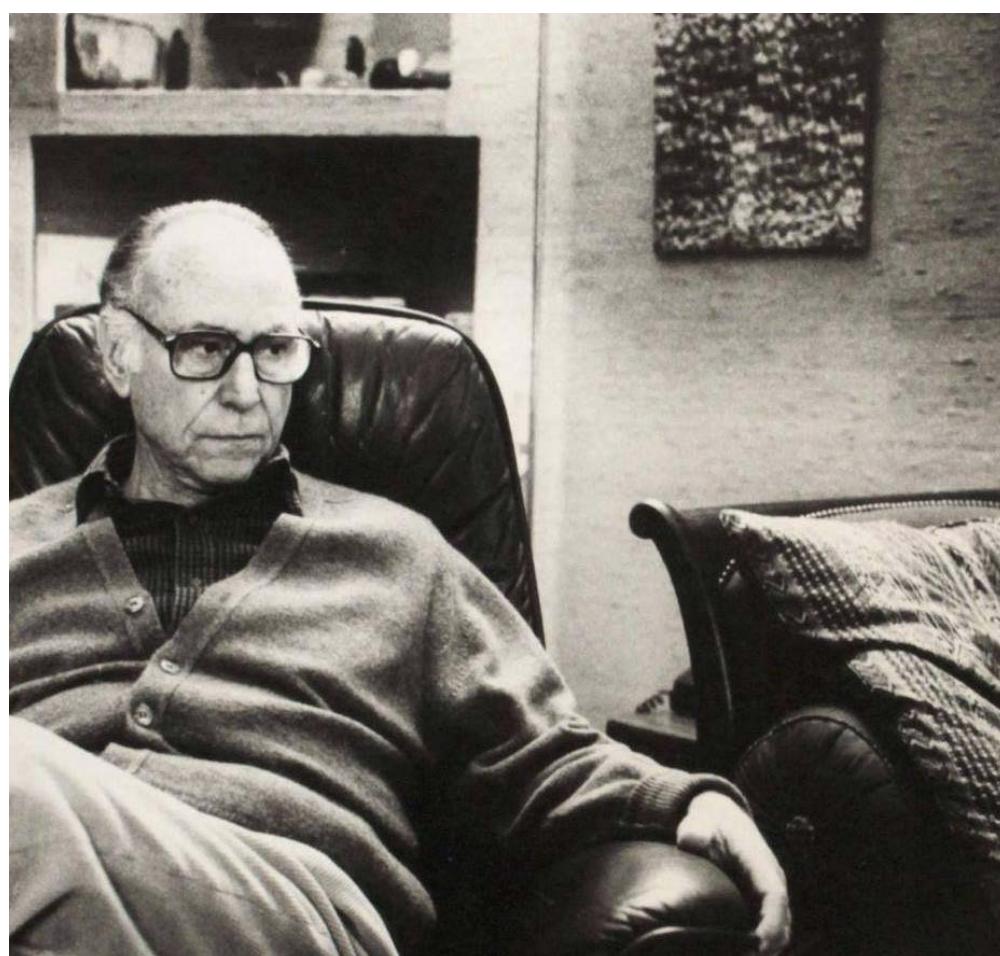
⁹ SAPIENTIAE, Instituto Sedes. André Green: biografia. *Percuso*, São Paulo, n. 49/50, 2013.

¹⁰ GREEN André, URRIBARRI, Fernando. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo – Diálogos*. São Paulo: Blucher, 2019

¹¹ URRIBARRI, Fernando. *O legado de André Green: recordar, elaborar, assumir*. *Percuso*, São Paulo, n. 49/50, 2013.

⁸ GRENN André. *Narcisismo de vida narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988

⁹ SAPIENTIAE, Instituto Sedes. André Green: biografia. *Percuso*, São Paulo, n. 49/50, 2013.



André Green - Facebook

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Luiz Celso Toledo

Secretária Geral: Daniela Bormann Vieira

Tesoureira: Ana Cláudia Zuanella

Diretora do Conselho de Coord. Científica:

Ana Clara Duarte Gavião

Diretor do Conselho Profissional:

Fabio Firmino Lopes

Diretora de Publicações e Divulgação:

Silvana Marta S. Torres

Diretora de Comunidade e Cultura:

Josiane Barbosa de Oliveira

Diretora Superintendente:

Maria Lúcia Moret de Carvalho

Secretária do Cons. de Coord. Científica:

Susana Chinazzo

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss

Analista de Comunicação: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editora: Berta Hoffmann Azevedo

Editora Associada: Claudia Amaral Mello Suannes

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretora: Ana Clara Duarte Gavião

Secretária do Cons. de Coordenação Científica:

Susana Chinazzo

SBPSP: Raya Angel Zonana

SPRJ: Daniela Bormann Vieira

SBPRP: Mariana Neustein

SPPA: Marli Bergel

SPRPE: Sandra Matoso Trombetta Quintans

SPBsb: Nize Nascimento

SBPdePA: Janine Maria de Oliveira Severo

SPPel: Eduardo Brod Méndez

SBPRP: Beatriz Troncon Busatto

SPMS: Joelma Dibo Victoriano

SBPMG: Tânia Oliveira de Almeida Grassano

SPFOR: Marúcia Luna Neri Benevides

SBPCamp: Adriana Maria Nagalli de Oliveira

SBPG: Andréia Lobo Costa Campos de Melo

SBPC: Andreas Linhares

GEP Rio Preto e Região: Heleny S. Scrocchio Romero

GEP-SC: Ana Maria Maykot Prates Michels

GEP-Marília e Região: Cacilda Gramma Pompilio Vilas Boas

Grupo de Uberaba: Lídia Queiroz Silva Magnino

DELEGADOS

Magda Guimarães Khouri, Rodrigo Lage Leite, Roberto Santoro Pires C. Almeida, Rosa Maria Carvalho Reis, Maria Noel Breno Sertã, Adriana Guimarães Lasalvia, Kátia Wagner Radke, Iara Lurdes Lucchese Wiehe, Dinora Borges Rodrigues Maricevich, Alírio Torres Dantas Júnior, Ana Velia de Sánchez Osella, Carlos César Marques Frausino, Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Denise Zimpek Pereira, Beatriz Hax Sander, Christine Marques Castro Vinhas, Adriana Vilela Jacob Francisco, José Cesário Francisco Jr., Gleba Brandão Coelho Martins Araújo, Paula Francisca Andrade Mittelstaedt, Ana Carolina Ramon Tiuso, Patrícia Gomes Figueira, Karina Rodrigues Bernardes, Regina Célia Cardoso Esteves, Nelson José Nazaré Rocha, Cláudia Cristina Antonelli, Maristela Nunes Pinheiro, Jane do Carmo Moura Fabian, Solange Luiz Caldas dos Santos, Marina Vidal Stabile, Osvaldo Luis Barison, Sueli Barison, Gládis Elaine Carnieletto Garcia, Patrícia Lima de Oliveira, Cibele Maria Moraes di Battista Brandão, Cassia Teixeira Assef, Luís de Paiva Silva, Denise Léa Moratelli

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Magda Guimarães Khouri

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)

Roberto Santoro Pires de C. Almeida

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Maria Noel Breno Sertã

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

Kátia Wagner Radke

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)

Dinora Borges Rodrigues Maricevich

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Ana Velia de Sánchez Osella

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)

Beatriz Hax Sander

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

Adriana Vilela Jacob Francisco

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)

Gleda Brandão Coelho Martins Araujo

Soc. Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)

Ana Carolina Ramon Tiuso

Soc. Psicanalítica de Fortaleza (SPEFOR)

Karina Rodrigues Bernardes

Soc. Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCampinas)

Nelson José Nazaré Rocha

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG)

Maristela Nunes Pinheiro

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Curitiba (SBPCuritiba)

Solange Luiz Caldas dos Santos

Grupo de Estudos de Psicanálise de S. J. do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região)

Osvaldo Luis Barison

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC)

Gládis Elaine Carnieletto Garcia

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Marília e Região (GEP Marília e Região)

Cibele Maria Moraes di Battista Brandão

Grupo Psicanalítico de Uberaba (GPU)

Luís de Paiva Silva

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió

Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

Núcleo Psicanalítico de Salvador

Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise – <http://rbp.org.br/>

Jornal Febrapsi Notícias – <https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>

Observatório Psicanalítico – <https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>

Mirante – O Podcast da Febrapsi – https://febrapsi.org/project_category/mirante/

Podcast Associação Livre - Febrapsi – <https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWNIB2eZMFmbp2a>

Boletim das Federadas – <https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>

Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise – https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnluYPjrUYxCp_Aw

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPS

DIRETORA: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORA EXECUTIVA DO FEBRAPS NOTÍCIAS: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORA DO FEBRAPS NOTÍCIAS: Helena Daltro Pontual (SBPSP)

COMISSÃO EDITORIAL: Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBsb) e Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Helena Daltro Pontual (RP 866/1982)

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

CAPA: *Descoberta da sexualidade*

Antônio La Vela, 2008 – Óleo sobre tela
site José Art Gallery

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPS)

Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001

Tel: (21) 97168-0280 | e-mail: [contato@febrapsi.org](mailto: contato@febrapsi.org)

www.febrapsi.org

Edição distribuída em formato digital e impressa

Acesse as redes sociais da Febrapsi

Facebook

Youtube

X

Instagram